



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Comunicação e produção do sentido¹

Geraldo Carlos do Nascimento
Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Este trabalho tem como proposta básica chamar a atenção sobre as relações entre o processo de produção de sentido e a comunicação. Parte, para tanto, de noções desenvolvidas pelas ciências da linguagem, particularmente as apresentadas pela semiótica greimasiana, que costuma vincular estes dois temas ao estudar as estruturas semio-narrativas, o sujeito da enunciação e a colocação em discurso. Tais concepções oferecem subsídios para que se coloque em questão as teorias que consideram a comunicação como simples transmissão de mensagens.

Palavras-chave: Comunicação, sentido, discurso

¹ Trabalho apresentado no NP15 – Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A semiótica greimasiana² questiona as teorias que concebem a comunicação como uma simples transmissão do saber, que passaria, em forma de mensagem, de uma instância emissora para uma instância receptora, mesmo que algumas delas, como a defendida por Jakobson (1969), reconheçam que ocorrem nessa passagem coerções provenientes do canal de transmissão, do código convocado e do contexto.

Jacques Fontanille, por exemplo, pergunta como descrever a “comunicação” entre o pintor e seu espectador sem ter de sair dos limites do quadro ou ter de convocar os atores reais, de carne e osso, quando se adota a noção de “transmissão” de um saber do destinador para o destinatário. E ele próprio ensaia uma resposta:

Se quisermos dar conta dos sujeitos da enunciação tais quais são inscritos no quadro, ou pressupostos por ele, somos obrigados a constatar que não há `transmissão`, ao contrário, tudo se passa como se o enunciatário visse o quadro do lugar e posição do enunciador, ou `pelas suas costas`. Trata-se mais de um `vôo` da significação do que de um `dom`.” (Fontanille, 1989; 13)³

No caso de textos imagéticos, como o acima referido, fica evidente que a relação entre os sujeitos da comunicação, enunciador e enunciatário⁴, se funda numa “substituição de instâncias”. Fontanille cria um esquema comparativo para ilustrar tal diferença.

² As idéias exploradas neste artigo foram inicialmente levantadas num texto mais amplo em que tratamos da questão da noção de comunicação nas ciências da linguagem.

³ Tradução livre do original francês: “*Si on veut tenir compte des sujets d’énonciation tels qu’ils son inscrits dans le tableau-lui même, ou préssupposés par lui, on est obligé de constater qu’il n’y a pas ‘transmission’, mais qu’au contraire, tout se passe comme si l’énonciataire voyait le tableau en lieu et place de l’énonciateur, ou ‘dans son dos’. Il s’agit alors plus d’un ‘vol’ de la signification que d’un ‘don’.*”



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

recebê-la. O fato de que os dois actantes entre os quais se efetua a transmissão da mensagem – aqui icônica ou, mais simplesmente, figurativa – possam ora ser confundidos num único e mesmo ator, como no caso do ‘narcisismo’, em que o observador contempla o seu próprio reflexo, ora corresponder a dois atores distintos que dividem entre si os papéis de emissor e receptor (numa relação de comunicação, nesse caso, transitiva) não modifica em nada a organização da sintaxe inter-actancial subjacente, que, por definição, permanece indiferente às variações mais superficiais concernentes à organização do dispositivo actorial.” (Landowski, 1992; 88-89)

A colocação em discurso, para a semiótica greimasiana, seria constituída por um conjunto de procedimentos capazes de instituir o discurso como um espaço e um tempo povoados de sujeitos. E é a partir do nível da enunciação que a colocação em discurso (discursivização) se efetua, com a mobilização das estruturas semio-narrativas em seu conjunto pelo sujeito da enunciação, do qual os sujeitos do enunciado não passam de delegados. Duas posições actanciais são, então, simultaneamente recobertas: a do enunciador e a do enunciatário.

Como se sabe (Barros, 1988), a semiótica explica a discursivização – desencadeada pela emergência do sujeito da enunciação e pela convocação das estruturas actanciais – como uma seqüência ordenada de dois programas narrativos: um programa de performance: a manipulação; e um programa de competência: a operação.

O programa de performance, enquanto manipulação, põe em jogo dois sujeitos: o enunciador, enquanto sujeito do *fazer-fazer*, e o enunciatário, enquanto sujeito do *fazer* (o sujeito da enunciação como vimos recebe as duas posições actanciais).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A operação, enquanto programa de competência, visa a estabelecer as competências do sujeito; ou seja, do sujeito do *fazer-fazer* e do sujeito do enunciado. O enunciatário, como observador, pode aceitar ou não os valores do enunciador. Ao não aceitar os valores convocados na manipulação⁵, o enunciatário se investe num anti-sujeito e pode questionar o enunciador.

Assim, para que o enunciador faça o seu discurso é preciso que ele primeiramente convoque as estruturas semio-narrativas e que as assuma como sendo “suas”. A discursivização levada a efeito pelo enunciador-manipulador apresenta, no entanto, um limite. O programa de performance não chegaria a termo caso o discurso assim produzido não fosse assumido também pelo enunciatário. Para que isso venha ocorrer, no entanto, é preciso que o enunciatário reconheça o discurso apresentado como um discurso dotado de valores que possa aceitar. Isso quer dizer que os componentes discursivos pertencentes à instância da enunciação dependem da realização de dois conjuntos de estruturas semio-narrativas atualizadas: a do enunciador e a do enunciatário.

Por definição, esses dois conjuntos de estruturas atualizadas não podem ser idênticos (se assim fosse eles seriam o mesmo). A manipulação (do destinador) só os faz parecer iguais, e a interpretação (do destinatário), embora potencialmente possa situar de onde “fala” o enunciador, sempre deixa escapar algo. Mas, sem dúvida, as estruturas mobilizadas pelo jogo comunicacional apresentam um limite bem definido: elas nunca podem ser contraditórias, sob pena de invalidar o lance, muito embora esse jogo tolere e se constitua pela assimetria.

⁵ Como se sabe (Courtés, 1991; 250), semioticamente a manipulação não implica nenhum investimento de valor moral, e pode ter duas formas: uma chamada positiva, da ordem do *fazer fazer*, outra negativa, da ordem do *fazer não fazer*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Disso decorre que para poder ser aceitável tanto pelo enunciador quanto pelo enunciatário, o discurso deverá resultar de um contrato, de um compromisso, mesmo que tácito, entre ambos. Além disso, por mais mentiroso que possa ser, na tentativa de manipular pela mentira o enunciatário, ou seja, de tentar não cumprir o contrato firmado, que sempre pressupõe a verdade, o discurso enunciado não pode deixar de realizar aspectos do nível profundo das estruturas semio-narrativas de seu enunciador e, desse modo, deixar marcas “verdadeiras” de sua enunciação, uma vez que esta encontra-se comprometida com linguagens que escapam ao domínio do enunciador. Ao contrário disso, as estruturas semio-narrativas do enunciatário não têm senão, quando focalizadas do ponto de vista do enunciador, o estatuto do *poder ser*, do possível: o enunciatário e sua competência são sempre pressupostos pelo enunciador. O que quer dizer que algo na comunicação, que é mediada no nível dessas estruturas, sempre escapa, por mais minucioso que seja o referido contrato⁶.

As relações semióticas entre os actantes enunciador/enunciatário se efetuam a partir do momento em que eles, sincretizados, assumem o “*percurso temático da produção*”, ou, quando polarizados, recobrem o “*percurso da comunicação*”⁷. E é exatamente na imbricação desses dois eixos que a enunciação e a comunicação se confundem e se pode vislumbrar, como o fazemos neste trabalho, uma equivalência

⁶ Nem sempre, porém, é possível estabelecer uma base contratual; diz-se, então, que se estabelece uma relação polêmica entre enunciador e enunciatário. Landowski, examinando a questão da confiança entre enunciador e enunciatário, se interroga para melhor poder situá-la: “Que significa isso mais profundamente senão que a palavra dada na promessa ou no juramento, longe de selar uma harmonia preestabelecida entre os respectivos programas das partes, intervém num contexto essencialmente polêmico, no interior do qual a divergência, sempre latente, dos interesses perseguidos por cada um funda, antes de qualquer outra coisa, uma legítima *desconfiança* entre os sujeitos?” (1992; 159)

⁷ Inspirada neste “achado” de Greimas, Barros (1988; 136 e s) o vincula a um exame canônico da narratividade para estabelecer a economia da enunciação. Considera, então, o enunciador e o enunciatário como papéis temáticos discursivos nos quais se distinguem papéis temáticos e actantes narrativos: “Os papéis temáticos de enunciador e de enunciatário constituem, na verdade, uma espécie de neutralização de dois percursos temáticos, da mesma configuração de ‘enunciação’: o de *produção* e o de *comunicação* (...) Reservam-se os papéis de *enunciador* e *enunciatário* para o percurso temático da comunicação (quem



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

possível entre elas: não há produção sem o ato enunciativo, e a comunicação nasce desse mesmo ato, do qual não passa, se nos for permitido usar uma imagem, de uma espécie de expansão, ou de um certo deslocamento no sentido horizontal. A produção, por sua vez, seria um deslocamento do ato enunciativo no sentido vertical. (Tentaremos especificar isso pouco mais adiante.)

O sincretismo enunciador/enunciatário, que caracteriza o tema da produção, evidencia, segundo Barros (1988) as estruturas semio-narrativas em seu conjunto, a cumplicidade necessária entre enunciador e enunciatário para que o sentido seja produzido no discurso, por vias dos programas narrativos de construção, que são de duas espécies: programas de construção do sujeito e programas de construção do objeto. Os primeiros dizem respeito ao modo de o sujeito entrar em conjunção com os objeto-valor, que pode ser por doação, por apropriação ou por troca. Já nos programas de construção do objeto, este aparece como suporte de valores de que um sujeito deseje ou necessite, para satisfazê-lo ou suprir, se se quiser, uma necessidade, seja de ordem cognitiva, pragmática ou patêmica. Por exemplo: “*o objeto-discurso é um objeto de valor cognitivo; um bolo, um objeto de valor pragmático; um presente, um objeto de valor afetivo*” (Barros, 1998) A partir da construção dos objetos (sejam eles pragmáticos, cognitivos ou patêmicos) é que se pode avaliar, por pressuposição, a competência do sujeito da enunciação.

Como produtor do discurso, o sujeito da enunciação trabalha em obediência a um destinador-manipulador, que pode ser figurativizado no texto como um personagem, ou ser apenas pressuposto quando o sujeito do enunciado age movido por valores sócio-históricos. Isso quer dizer que sua autonomia deste sujeito é limitada ao *fazer*, sendo os valores determinados de antemão pelo destinador. Ou seja: “*Determinar os destinadores do sujeito da enunciação corresponde a inserir o texto no contexto de uma ou mais*

comunica e quem recebe e interpreta a comunicação) e emprega-se o de *sujeito da enunciação*,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

formações ideológicas, que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido.” (Barros, 1988; 141)

No percurso temático da comunicação, o enunciador desempenha o papel de destinador-manipulador e fica responsável pelos valores em jogo e pretende levar o enunciatário a *crer* e a *fazer*. Ou seja, desenvolve um fazer persuasivo a fim de manipular cognitivamente e pragmaticamente o destinatário, que, por sua vez, realiza, quando devidamente manipulado, um fazer interpretativo do discurso posto em cena

“Se tanto o fazer persuasivo do enunciador quanto o fazer interpretativo do enunciatário se realizam no e pelo discurso, conclui-se que para conhecer e explicar tais fazeres e por meio deles apreender a instância da enunciação, precisa-se proceder à análise interna e imanente do texto” (Barros,1988;137).

Isso evidencia o caráter manipulador do discurso comunicativo: embora se apresente como um discurso que quer *fazer saber*, na verdade o que realiza, pelo menos como um ponto de partida necessário, é *um fazer crer* (do enunciador) que requer como correlato um *acreditar* (do enunciatário).

Na chamada comunicação cotidiana, na qual os valores que o enunciador mobiliza têm fins predominantemente persuasivos, antes de serem racionalmente argumentativos, isso fica bastante evidente. Mas aí *“é preciso admitir a existência de dois níveis de funcionamento do ‘crer’ e sua relativa autonomia: crer (ou não crer) no que diz alguém é uma coisa; crer (ou não crer) naquele que diz alguma coisa é outra.”* (Landowski,1992; 154).

sincretismo de enunciador e enunciatário, no percurso da produção (quem produz).”



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ou seja, crer no que diz o enunciado é coisa diferente de crer na autoridade do enunciador. No primeiro caso, como acentua o referido autor, “*subordina-se à lógica; no segundo, à confiança em que se deposita no enunciador*”.

Os eixos da comunicação e da produção de sentido

O *eixo da comunicação* distingue-se claramente do *eixo da produção*. A semiótica greimasiana atribui ao primeiro um sentido horizontal, sintagmático, com o enunciador e o enunciatário localizados em extremidades opostas, que pode ser assim representada:

eixo da comunicação:

enunciador _____ **enunciatário**

Já o eixo da produção articulava sujeito e objeto, e teria um sentido vertical, paradigmático; sua manifestação se daria com o sincretismo do enunciador-enunciatário que é representado, nesta teoria, pelo sujeito da enunciação:

eixo da produção:

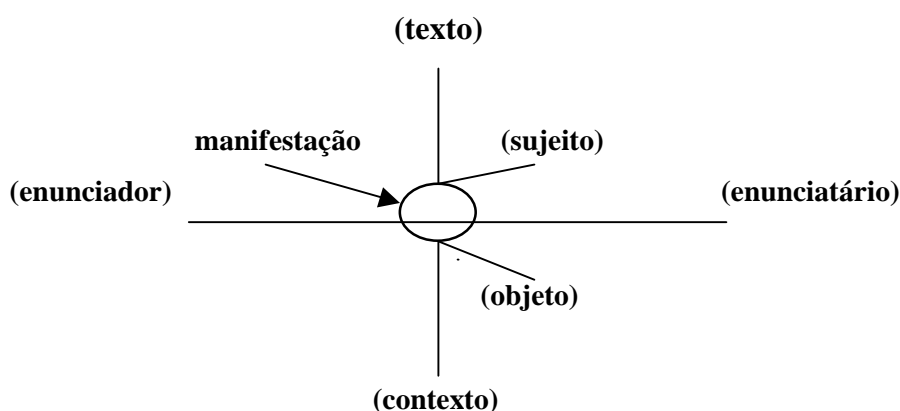
(sujeito)



(objeto)

sobreposição como essa pode ser vislumbrada na manifestação enunciada, que pode ser entendida como um ponto que se dá no cruzamento desses eixos. E seria, mesmo, a partir desse ponto – representado abaixo como um círculo ovalado – que se efetuariam os deslocamentos em sentido horizontal (e teríamos a comunicação) ou em sentido vertical (e teríamos a produção), conforme o esquema:

sobreposição dos eixos na manifestação:



deslocamento vertical a partir da manifestação = eixo da produção

deslocamento horizontal a partir da manifestação = eixo da comunicação

A manifestação textual seria, então, segundo nossa hipótese, a superfície visível por meio da qual se pode pressupor tanto as relações de produção, que se dão em profundidade, no eixo vertical, quanto as de comunicação, que se dão horizontalmente. Ambos os eixos vêm à luz, por vias de seus traços, graças à mobilização efetuada pelo ato enunciativo-comunicacional que faz brilhar, no instante da semiose, o sentido, que se constitui na novidade-comprometida, se assim podemos dizer, que cada texto traz.

Referências bibliográficas



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- BARROS, Diana L. P. (1998) *Teoria do Discurso – Fundamentos Semióticos*. São Paulo: Atual.
- BAKHTIN, M. (1992) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BENVENISTE, E. (1966) *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard.
- COURTÉS, Joseph (1991) *Analyse Sémiotique du Discours – De l'Énoncé à l'Énonciation*. Paris: Hachette.
- DUCROT, Oswald (1977) *Princípios de Semântica Lingüística – Dizer Não Dizer*. São Paulo: Cultrix.
- FONTANILLE, Jacques (1989) *Les Espaces Subjectifs – Introduction à la Sémiotique de l'Observateur*. Paris: Hachette.
- GREIMAS A. J. e COURTÉS, J. (1979) *Sémiotique – Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage I*. Paris: Hachette.
- GREIMAS A. J. E COURTÉS, J. (1986) *Sémiotique – Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage II*. Paris: Hachette
- JAKOBSON, Roman (1969) *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- KRISTEVA, Julia (1974) *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- LANDOWSKI, E. (1992) *A Sociedade Refletida*. São Paulo: EDUC/Pontes.
- TODOROV, J. e DUCROT, O (1977) *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva.